

Violência de gênero: As excluídas da sociedade

Gender violence: The excluded from society

*Maria Cristina S. Furtado*¹
mcristinafurtado@hotmail.com

Resumo

Baseada no projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido em meu doutorado em teologia e nas pesquisas realizadas pelo grupo 'Diversidade sexual, Cidadania e Religião da PUC-RIO', do qual faço parte, trarei para esta comunicação um dos grandes temas atuais de interface em 'Religião e Modernidade': a 'violência' de gênero. Violência que não é específica contra a 'mulher', pois é realizada contra tod@s² que se encontram dentro de certas características de gênero consideradas femininas, com base no estigma da virilidade masculina, na submissão feminina, e nas relações de poder. Nesta comunicação, utilizando a interdisciplinaridade das ciências humanas, entre elas, -'a psicologia' através de recentes pesquisas; -'a filosofia' pelo pensamento de René Girard; - e finalmente 'a antropologia' sob o ponto de vista 'teológico', procurarei refletir um pouco sobre o pano de fundo desta violência, buscando entender o que existe por trás da dificuldade de se romper com o estereótipo machista da sociedade ocidental.

Palavras-chave: violência, discriminação, exclusão, tolerância, respeito.

Abstract

Based on the research project that is being developed in my doctorate in theology, and research done by the Sexual diversity, citizenship and religion group at PUC-Rio to which I belong, I will bring to this communication one of the great themes of today in 'Religion and Modernity': the 'violence' of gender. Violence is not specific against the 'woman', because it is done against all who are within certain gender characteristics recognized as female, based on the stigma of male virility, in female submission, and the power relations. In this communication, using the interdisciplinary humanities, among them - 'psychology' through recent research; - 'philosophy' by the thought of René Girard; - and finally 'anthropology' from the 'theological' point of view, I'll try to reflect a bit about the background of this violence, trying to understand what lies behind the difficulty to break the chauvinist stereotype of Western society.

¹ Teóloga, Mestra e Doutoranda pela PUC-RIO, tendo como orientadora a Prof. Dra. Maria Clara Bingemer (PUC-RIO). Psicóloga pelo Centro Universitário Newton Paiva (BH). Membro do grupo de pesquisa Diversidade Sexual-Cidadania e Religião (PUC-RIO). Professora-tutora do curso de Iniciação teológica (PUC-RIO). Autora de diversos artigos sobre este tema.

² O símbolo @ significa que estamos nos referindo a ambos os sexos: homem e mulher.

Keywords: violence, discrimination, exclusion, tolerance, respect.

Introdução

A primeira corrente teórica que trouxe uma análise sobre a violência contra as mulheres, surgiu no Brasil, nos anos 80 através de Marilena Chauí. Nesta análise ela concebia a violência contra as mulheres como resultado da dominação masculina, que poderia ser produzida tanto por homens como por mulheres. A violência é uma ação capaz de transformar diferenças em desigualdades hierárquicas com a finalidade de dominar, explorar e oprimir (Chauí, 1985, p.36). A partir daí, outras análises foram surgindo e uma ampla pesquisa sobre o tema foi modificando a maneira de se perceber a violência contra a mulher.

Segundo a socióloga Heleieth Saffioti, o grande beneficiado deste sistema de dominação masculina é o homem rico, branco e adulto. Para esta autora, a própria ideologia machista sustenta esse sistema e socializa o homem para dominar a mulher, e esta para se submeter ao poder masculino. Dada sua formação de *macho*, o homem julga-se no direito de espancar sua mulher. “Esta, educada que foi para submeter-se aos desejos masculinos, toma este ‘destino’ como *natural*” (Saffioti, 1987, p. 79).

Maria Amélia Azevedo concebe violência como sendo a expressão de relações sociais hierárquicas de dominância e subalternidade. Para ela, tal violência decorreria de dois conjuntos de fatores. O primeiro estaria ligado à estrutura socioeconômica, a discriminação contra a mulher, a ideologia machista e a educação diferenciada; e o segundo seriam gerados por situações do cotidiano familiar, como o uso de álcool e drogas. (Azevedo, 1985, p. 74).

O conceito de ‘gênero’ distinguindo a ‘dimensão biológica’ da ‘dimensão social’ surgiu em 1970. Um conceito que teve como base o raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas na realidade a maneira de ser de cada um é produto da realidade social e não um produto que decorre da anatomia dos corpos. A forma de agir do ser humano é uma construção da cultura em que vive (CLAM, 2009, p.43). Entretanto, só no final dos anos 80 surgiu o debate sobre a construção social do sexo e

gênero, trazendo a ampliação da categoria mulher para gênero (Costa & Bruschini, 1992). Uma perspectiva de gênero que enfatiza a diferença entre o social e o biológico, na qual gênero é visto como uma relação.

O conceito de violência de gênero é bem mais amplo, pois inclui crianças e adolescentes, a violência conjugal, a violência do homem contra a mulher, a violência da mulher contra o homem, a violência entre mulheres e a violência entre homens (Araújo; Martins; Santos, 2004).

Sobre este conceito, a historiadora Joan Scott afirma que há um elemento social nas relações de gênero ligado às diferenças de sexo, mas o decisivo neste relacionamento encontra-se nas relações de poder. Entretanto, o primeiro elemento praticamente determina o segundo.

Para Scott, na construção social da feminilidade e da masculinidade a partir das características e diferenças biológicas, anatômicas e sexuais de mulheres e homens, hierarquicamente, 'o feminino é subjugado ao masculino', e isto influencia nas relações de poder, já que as características femininas, de modo geral, são consideradas inferiores, tanto na percepção masculina, como na feminina. Neste caso, podemos dizer que: a violência é produzida e reproduzida nas relações devido aos jogos de poder (Couto, 2011), nos quais se entrelaçam as categorias de gênero, classe e raça/etnia (Araújo, 2008, p.5).

Mesmo quando a dominação masculina não é explícita, ela ainda permanece em forma de 'dominação simbólica', e é sentida nos discursos, nas práticas sociais e institucionais, atingindo todo o tecido social, corpos e mentes, e levando a desigualdades entre homens e mulheres (Bourdieu, 1999, p. 25).

Na realidade, apesar da grande transformação de costumes e valores que vem ocorrendo na contemporaneidade, na sociedade ocidental, a discriminação em relação a gênero permanece e se encontra encoberta.

1. Brasil e a violência de gênero

Diariamente, encontramos nos jornais, e nas diferentes mídias a violência de gênero e suas consequências. Desde 1990, a Organização Mundial de Saúde reconhece 'a violência contra a mulher' como um problema de saúde pública. Problema que exige dos governantes políticas públicas que combatam e previnam este fenômeno. Este tipo

de violência é comprovadamente uma violação dos direitos humanos, e causadora de sofrimento físico e psíquico à mulher, aos filhos, e a família em geral (Araújo, 2008, p.5).

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), as estatísticas demonstram que nos países do continente americano uma em cada três mulheres é vítima de violência. No Brasil a dimensão do problema é muito maior que a violência denunciada ou detectada pelas pesquisas. A partir da análise de 3.627 boletins de ocorrência de uma Delegacia de Defesa da Mulher, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, constatou-se que o resultado desta pesquisa segue a mesma tendência de outras pesquisas em diferentes regiões.

Mesmo com a Lei Maria da Penha (Lei n 11340, 7/8/2006), - lei brasileira criada para defender e proteger a mulher, e que criou mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher -, a violência continua. (Bianchini & Cymrot, 2011)

Os últimos números divulgados em 2013 na cidade de São Paulo, no Brasil mostram que “os casos de violência contra mulheres estão se transformando em verdadeira epidemia, sem que as autoridades de segurança encontrem formas de enfrentar a emergência do problema...” No primeiro quadrimestre de 2013 aconteceram 37 estupros por dia nesta cidade. No Rio de Janeiro em 2012 foram 1.972 casos na cidade, e entre 2001 e 2010 tivemos 40 mil mulheres assassinadas no Brasil. (Kotscho, 2013)

A violência física é a mais denunciada (58% no total, sendo 32% com lesão corporal), mas existem ainda outras formas de violência muito sérias, como a violência psicológica (36% dos pesquisados) e a violência sexual (6% dos pesquisados). Violências que podem ser enquadradas dentro da ‘violência doméstica’, pois esta se expressa nas relações interpessoais familiares que como as demais instituições sociais são atravessadas por relações de poder hierarquizadas, com base nas dimensões estruturantes da sociedade: classe, gênero e etnia. (Morgado, 2012)

De acordo com o Instituto Zangares, os resultados do Mapa da Violência no Brasil 2010, com base no banco de dados do Sistema Único de Saúde (Datasus) são: Em dez anos, dez mulheres foram assassinadas por dia no Brasil. Entre 1997 e 2007, 41.532

mulheres morreram vítimas de homicídio – índice de 4,2 assassinadas por 100 mil habitantes. (Manso, 2010)

Alarmante é também a violência voltada para aqueles ou aquelas que apresentam características ligadas ao feminino. O Brasil continua liderando o número de mortes violentas de homossexuais, encontrando-se à frente do México (país conhecido pelo seu machismo) que registrou 35 casos em 2008, e os Estados Unidos, 25 casos. O relatório sobre os crimes do ano de 2009 indica que no Brasil, dos 198 mortos, 117 eram gays (59%), 72 travestis (37%) e 9 lésbicas (4%) (Pitts, 12/03/2010).

“O Brasil é o campeão de crimes contra homossexuais” (O GLOBO, 19/07/2011). Em 2010 foram assassinados 260 homossexuais, numa média de um homossexual em cada dois dias. As travestis por ficarem muito expostas são as maiores vítimas. Em 2011, a Secretaria de Direitos Humanos (SDH) do governo federal fez um levantamento, registrando cerca de 6809 denúncias de violações aos direitos humanos de homossexuais, com 278 assassinatos relacionados à homofobia. (Mello, 2012, p. 183-187). Só de janeiro a setembro de 2012 houve a confirmação de 65 assassinatos, e mais 18 que ficaram pendentes da confirmação de estarem ligados a crimes de ‘transfobia’ (Siqueira, 2012).

O grupo LGBTTI³ pertencente à esfera social mais pobre tem sofrido muito com a violência física, e as ‘travestis’ são os grandes exemplos deste grupo. A baixa educação formal e a qualidade de vida, o abandono da família, a saúde precária, a ausência de emprego e as condições inadequadas provocadas pelo isolamento e estigma que esse grupo carrega, levam muitas delas à prostituição como uma forma de sobrevivência, e de desenvolvimento da sua autoestima. Na prostituição a travesti é reconhecida e elogiada, podendo dar vazão a sua identidade (Dom Kulick, 2008, p.151), no entanto também fica exposta a qualquer tipo de violência, pois é abandonada pela polícia por ser considerada como marginal, tornando-se alvo fácil, inclusive de grupos de extermínio.

Quando nos referimos a ‘gênero’, como na atualidade é aceito cientificamente, sabemos que a questão é complexa devido à existência de variações da sexualidade como, por exemplo: 1- o/a transexual, cuja violência já começa no desconforto com o

³ Sigla usada para determinar lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais.

próprio corpo e o sentimento de que sua identidade de gênero não é a mesma do sexo que lhe foi atribuído em seu registro de nascimento. (Clínica Transexual, 2006)

2- o/a intersexual, que possui uma ambiguidade genital que lhe traz um não lugar, um não ser 'feminino' ou 'masculino', podendo passar ou não por uma correção cirúrgica. Ambos ainda sofrem com a enorme pressão social pela normatização, o que pode levar à perda do poder decisório sobre o seu corpo, de se reconhecer pelo que é, e de decidir sobre quem deseja ser. (Lima, 2008) - etc...

A tendência ao pensar no grupo LGBTTI é que todos/as que a ele pertençam sejam considerados/as 'homossexuais', o que é um erro, pois estamos diante de 'variações da sexualidade', que levam a diferentes percepções, identidades, sentimentos, desejos, ações, e necessidades. Por exemplo, existem transgêneros que são 'homossexuais', outros 'bissexuais' e ainda outros 'heterossexuais'.

Diante de todos os aspectos aqui apresentados surgem algumas questões de extrema importância.

Como resolver a violência de gênero?

A história da sociedade ocidental nos apresenta esta violência como consequência de uma construção cultural na qual a religião cristã esteve presente junto com o Estado, e as ciências sociais, na atualidade, corroboram com esta posição, concluindo, como já vimos anteriormente, que: - existem 'variedades da sexualidade' - o conceito de 'identidade de gênero' "diz respeito à percepção subjetiva do ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres." (CLAM, 2009,p.43.)

Será que se conhecermos a 'problemática de gênero' mais profundamente, e o que envolve o ser humano em seus atos a ponto de torná-los violentos, poderemos modificar de alguma forma a situação da violência? Ou a violência é intrínseca ao ser humano, e inevitável em seu processo evolutivo? Terá a teologia algo importante a dizer sobre 'a violência de gênero', colaborando para ajudar, tanto à mulher quanto a todos/as que sofrem este tipo de violência, 'abrandar' o drama que vive? O que estará envolvendo as relações de poder e a violência de gênero?

2. René Girard: o desejo mimético e o bode expiatório

Para nos ajudar a responder a estas perguntas, vamos nos remeter ao filósofo e antropólogo, estudioso em história medieval e moderna, literatura, religiões primitivas e estudos bíblicos, René Girard. Este, ao longo de suas obras procurou explicar ‘quem somos’; ‘como são as nossas culturas’; ‘como as sociedades passaram a ser como são’; e ‘como modificá-las’. Girard, embora em sua obra não tenha tratado da ‘violência de gênero’, baseia-se no ‘desejo mimético’, e no ‘bode expiatório’ como consequência da violência existente nos relacionamentos humanos, e na sociedade. Ao amadurecer o seu trabalho nos diz que a ‘chave’ deste entendimento, e de como poderemos encontrar um autêntico modo de vida, encontra-se ‘no evangelho de Jesus Cristo’ (Fisher, 2009, p.3).

Girard não explica as causas da violência. Ele fala sobre a violência como um poder destrutivo, mas reconhece que os homens aprenderam a circunscrever e limitar sua enorme energia devastadora. Porém, quando a rivalidade se torna ódio, uniformiza o homem, e qualquer um deles pode se transformar, “em qualquer momento, no duplo de todos os outros, ou seja, no objeto de uma fascinação e de um ódio universal”. (Girard, 2008, p.104)

Para Girard a violência tem origem no ‘desejo mimético’. Cada ser humano possui um potencial de violência que varia muito pouco de pessoa para pessoa, e de cultura para cultura. Um potencial que é ativado pelo desejo mimético.

Suppose that my human identity or yours, and particularly our desires, were not the product of some innate instincts, but were acquired in and through a ‘mimetic’ process – not so much by deliberate mimicking of others as by a deeper interdependent imitateness (Fisher, 2009, p.3).

Para ele, a identidade de cada pessoa e seus desejos não são inatos, mas adquiridos por um processo mimético. Processo que ocorre não por deliberação da pessoa, mas porque existe uma interdependência *imitativo-ness*. Os objetos se tornam desejáveis por mim porque eu os vejo desejados por outra pessoa. Neste caso é possível dizer que o desejo é intrinsecamente competitivo, ou rival.

Segundo Girard, “o desejo mimético é o desejo ‘real’ (...) a presença do modelo é o elemento decisivo na decisão do desejo mimético” (Girard, 1994, p.84).

É na mimesis que se cria a rivalidade com o outro, ao se competir pelo mesmo objeto, quando se deseja os desejos do modelo. Isto ocorre devido ao sentimento de ser

insuficiente. Constatação que quando ocorre é extremamente angustiante para a pessoa. Entretanto, o ‘modelo’ não é passivo neste mecanismo. Ele provoca o desejo do outro sobre o seu objeto, pois o objeto só terá valor, se o outro desejar. A este ciclo Girard chama de ‘ciclo infernal do desejo e dos conflitos’.

Mas, segundo o próprio Girard a violência de natureza mimética pode ser evitada. “Há pessoas que não se deixam levar pela violência mimética, o indivíduo não está inexoravelmente preso ao desejo mimético, ele pode resistir ao seu mecanismo” (Girard, 1994, p. 214) Entretanto, quando ela não resiste ao mecanismo, surge o conflito, pois se desejamos o mesmo objeto, a violência pode se tornar o próximo passo. Se eu desejo algo, posso querer apropriar-me, e dessa apropriação emerge a violência nas relações humanas.

Para Girard “A vingança ou o ressentimento são formas propriamente humanas de formalizar a violência potencial do desejo mimético. Portanto, trata-se de dar conta do caráter coletivo do desejo mimético” (Rocha, 28/11/2011). Rocha explica que em um primeiro momento a rivalidade afeta apenas o sujeito e o seu modelo, mas essas relações em um segundo momento começam a se disseminar, contagiando todo o grupo. Se não houver um controle institucional a sociedade pode ser ameaçada de desagregação, devido à proliferação de rivalidades e conflitos.

Girard, recorrendo a uma época anterior à cultura, explica que quando os grupos de homínídeos ainda não possuíam Estado, não tinham uma religião formada e um mecanismo externo de controle da violência, precisaram criar um mecanismo que funciona como uma válvula de escape – o bode expiatório.

“Em todas as épocas arcaicas, inumeráveis sociedades acabaram destruídas por não terem encontrado a solução para este problema” (Girard, 2008, p.6).

Isto acontece porque quando os homens disputam a posse de um objeto, jamais se entendem. Só o combate é capaz de decidir; entretanto, no decorrer da batalha, diz Girard, esse objeto acaba sendo destruído, ou até esquecido, e nesse momento, o antagonismo virá puro, não sendo mais pelo objeto, e se volta para as pessoas antagonizadas. Então, para não haver a destruição total é necessária uma reconciliação paradoxal, onde uma única pessoa ou um grupo seja responsabilizado. Alguém diferente, que fuja ao padrão, para que de alguma forma possa ser sacrificado. - o bode expiatório -. Para ele, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento,

encontramos o ‘assassínio coletivo’, que na realidade não está voltado para a culpabilidade da vítima, e sim para o mimetismo (Girard, 2008, p.7).

Segundo ele, quando uma comunidade já experienciou o fenômeno do ‘bode expiatório’, e através dele houve a reconciliação, ela busca este mecanismo toda a vez que a violência se apresenta. Entretanto, com o tempo, esse mecanismo perde a sua eficácia, mas as sociedades arcaicas operam com ele. “O fenômeno do bode expiatório unânime põe fim às crises violentas das sociedades arcaicas e estabelece a ordem “sacrificial” destas sociedades, a ordem que consiste em repetir o fenômeno catártico dos sacrifícios rituais” (Girard, 2008, p.10). Dessa forma ‘a paixão de Cristo’ pode ter sido um fenômeno de ‘bode expiatório’ quase unânime, mas os evangelhos denunciaram a crucificação, mostrando tratar-se uma injustiça escandalosa, que deveria ter sido evitada.

“Cristo deseja que os homens reconheçam o papel dos fazedores de vítimas, de perseguidores. É porque proclama as regras do reino e renuncia totalmente à violência sacrificial que o próprio Cristo é sacrificado” (Girard, 2008, p.9).

Para ele a recusa das sociedades modernas em compreender a mensagem cristã acabou gerando a crise da modernidade, que hoje, na contemporaneidade, ainda persiste. Ao negarem-se escutar a mensagem bíblica e evangélica e, sobretudo, ao rejeitarem se adequar a ela, as sociedades ficaram ainda mais ameaçadas pela violência do próprio ser humano. “Esta mensagem excede-nos tão infinitamente que deveríamos reconhecer nela a palavra do verdadeiro Deus que nos ensina a renúncia de toda a violência” (Girard, 2008, p. 11)

3. Girard, violência de Gênero e o cristianismo

Inicialmente, vimos como a ‘violência de gênero’ tem crescido no Brasil, depois, focamos de forma resumida, alguns pontos da obra de René Girard sobre ‘violência’: ‘desejo mimético’ e ‘as soluções sacrificiais’, que podem nos auxiliar a entender a ‘violência de gênero’ e o seu crescimento na sociedade ocidental, na contemporaneidade. Como o próprio Girard coloca, o cristianismo mostra o caminho para a sociedade romper com a violência, mas a sociedade rejeita a mensagem do Novo

Testamento, ficando ainda mais ameaçada pela violência, e continuando a buscar ‘bodes expiatórios’ como solução dos problemas.

Se passarmos as reflexões sobre ‘desejo mimético’ para a ‘violência de gênero’, poderemos perceber que os ‘jogos de poder’ são conduzidos pelo desejo de dominação do mais fraco, de submeter o outro aos seus desejos, e é neste sentido que a cada dia aumenta a violência.

Quantos assassinatos existem que vemos em sua base homens que percebem a mulher como sua propriedade. Esta precisa estar submetida aos seus desejos, e mesmo que não a queira mais, se outro homem a deseja é o suficiente para o ‘mimetismo’ reforçar o seu desejo e não querer que esta tenha alguém, chegando a eliminá-la se isto for à forma de impedir que o seu desejo não se concretize. Além dessa, quantas outras formas de mimetismo poderão ser encontradas nas relações de poder e submissão do mais fraco?

Em relação à população LGBTTI é possível vermos, da mesma forma que acontece com as mulheres, a violência presente nas relações interpessoais, nos quais os ‘jogos de poder’ se afloram pelo ‘mimetismo’, e o uso dos mesmos pela sociedade como ‘bodes expiatórios’. Uma violência tão forte que os crimes homofóbicos, de modo geral, trazem um requinte de barbárie, de ódio. Entre as travestis, por exemplo, os assassinatos, de modo geral, acontecem no espaço público, por crimes de execução. Para uma parte da sociedade e das religiões, este grupo é formado por pessoas inferiores, pecadoras, marginais, onde ‘o nome de Deus’ cabe, devido a uma interpretação equivocada e reducionista bíblica, para discriminar, excluir, desprezar, agredir com palavras, ou agredir corporalmente, ou de forma psicológica, ou ainda fisicamente, podendo chegar ao assassinato.

Assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos. Crime abominável, amor pecaminoso, tendência perversa, prática infame, paixão abjeta, pecado contra a natureza, vício de Sodoma: tantas designações que durante séculos serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Relegado ao papel de marginal ou excêntrico, o homossexual é tido pela norma social como bizarro, estranho ou disparatado. Como o mal sempre vem de fora, na França, por exemplo, qualificou-se a

homossexualidade de “vício italiano”, “costume árabe”, “vício grego” ou, ainda, “costume colonial”. O homossexual, assim como o negro, o judeu ou o estrangeiro é sempre o outro, o diferente, aquele com o qual qualquer identificação é impensável (Mello, 2012, p.184 citando Borillo, 2010).

Se eu não me identifico com o outro, eu posso utilizá-lo como ‘bode expiatório’ para aplacar o crescente ‘mimetismo’ e por conseqüência a ‘violência na sociedade’. No entanto, René Girard mostra que os evangelhos apontaram outro caminho para vencer o ‘mimetismo’, e este é a ‘misericórdia’, ‘a não violência’. ‘Misericórdia’ que precisa estar junto com a ‘responsabilidade’ pelo outro. Deus pergunta no Antigo Testamento a Caim: onde está o teu irmão? E ele disse, como um grande número de pessoas até hoje responde: “Não sei. Sou eu o guardião do meu irmão?”

O Novo Testamento nos diz ‘sim’, somos responsáveis pelo irmão. Jesus deixou-nos um único mandamento. “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (Jo 13,34).

Jesus nos leva a modificar a imagem do Deus sacrificial e violento para a imagem do Deus amor. Ajuda a libertar a imagem de Deus de qualquer conotação de violência. Deus é puro amor. A violência não vem de Deus, e sim do ser humano.

Conclusão

Como vimos, Girard ao citar no evangelho a ‘misericórdia e o perdão’ como forma de vencer o ‘mimetismo’ e a ‘violência’, mostra-nos que o Amor é maior que o pecado, e capaz de vencer o mal e o sofrimento. Mostra-nos que o Amor é mais forte que a morte, portanto, não é o fato de se matar o ‘bode expiatório’ ou a ‘violência da cruz’ que salva o ser humano, mas o Amor daquele que se entregou totalmente e morreu na cruz por nós. Um amor tão grande que foi capaz de perdoar e salvar!

Este é o Amor que traz responsabilidade e compromisso. Um amor que não é simples desejo, não é dominação, tampouco exclusão, ou qualquer tipo de violência. Um amor que nos lembra que tolerar, respeitar, e incluir é parte do amor. Jesus jamais excluiu alguém. O seu Amor foi incondicional!

“Disse-lhe Jesus: ...Quem me vê a mim, vê o Pai.” (Jo 14,9). Entretanto, o nome de Deus

continua a ser usado e aceito por um grupo como justificativa para a 'violência de gênero'. Enquanto isto acontecer, e a Bíblia for citada como justificativa, não só a visão do cristianismo estará afasta do evangelho, como contribuindo para o crescimento da violência e do desamor.

Precisamos trabalhar para mudar esta visão, pois é preciso romper com todas as justificativas que ajudem a ocultar o estereótipo machista da sociedade, para poder se trabalhar contra as verdadeiras causas da 'violência de gênero'.

Bibliografia

ARAÚJO, M.F; MARTINS, E.J.S. & SANTOS, A L. Violência de Gênero e Violência Contra a Mulher. In: Araújo, M.F. & Mattioli, (orgs.) *Gênero e Violência* (p.17-35). São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

_____. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. Psicologia para América Latina. – In: *Revista eletrônica Internacional de La Unión Latinoamericana de entidades de Psicología*. Publicado em 2008. Disponível em: Psicolatina.org/14/gênero.html. Acessado em 10/11/2012.

AZEVEDO, Maria Amélia. *Mulheres Espancadas: A Violência Denunciada*. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

BIANCHINI, Alice & CYMROT, Danilo. *A lei Maria da Penha está apresentando resultados positivos?* Com a palavra, a sociedade. Disponível no blog Atualidades do direito. <http://atualidadesdodireito.com.br/alicebianchini/2011/07/12/a-lei-maria-da-penha-esta-apresentando-os-resultados-positivos-com-a-palavra-a-sociedade/> Acessado em 04/11/2012.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

CHAUI, Marilena. Participando do Debate sobre Mulher e Violência. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*, São Paulo, Zahar Editores, 1985.

CLÍNICA TRANSEXUAL. *A transexualidade*. Disponível no blog: <http://www.transexual.com.br/>. Publicado em 26/09/2006. Acessado em 04/11/2012.

COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*. São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

COUTO, Maria Aparecida S. *Poder, Violência e Identidade de Gênero na escola*. Disponível em

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306524047_ARQUIVO_ArtigoCONLAB.pdf. Publicado em 2011. Acessado em 08/11/2012.

EQUIPE DO CENTRO LATINO-AMERICANO (CLAM/IMS/UERJ). *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Volume I, versão 2009. Disponível em http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2013/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf.

FISHER, Peter. *René Girard: Prophet for our Time*. Conference. Winchester 18 November 2009. Disponível em <http://www.spaceinthecity.org.uk/rene-girard.pdf>. Acessado em 06/11/2012, p.3.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2008.

_____. *Um longo argumento do princípio ao fim*. Tradução de Bluma Waddington Vilar. TOPBOOKS:Rio de Janeiro,1994.

_____. *O bode expiatório e Deus*. Tradutor Márcio Meruje. Ed. LusoSofia:press: Covilhã, Portugal, 2008.

KOTSCHO, Ricardo. *Onda de violência contra mulheres*. Disponível em: <http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/2013/05/28/onda-de-violencia-contra-mulheres-vira-epidemia/>. Acessado em 03/06/ 2013.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, RJ, 2008.

LIMA, Shirley A. M. *Intersexo e identidade: história de um corpo autonomamente reconstruído*. Congresso Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder. Disponível na revista eletrônica do congresso: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST61/Shirley_Acioly_Monteiro_de_Lima_61.pdf. Publicado em Agosto de 2008. Acessado em 04/11/2012.

MANSO, Bruno P. *Dez mulheres são mortas por dia no Brasil*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,dez-mulheres-sao-mortas-por-dia-no-pais,575974,0.htm> Publicado em 03/07/2010.

MELLO, Eduardo Pisa Gomes de. A homofobia que nos mata todo dia. In: *Direitos humanos no Brasil 2012*. Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos humanos, p.183-187. Publicado em 19/11/2012.

MORGADO, Rosana. *Mulheres mães e o abuso sexual incestuoso*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2012.

PITTS, Natasha. Relatório revela que 2009 bateu recorde de assassinatos contra LGBT. Disponível em ADITAL. Notícias da América Latina e Caribe. http://www.adital.com.br/Site/noticia_imp.asp?cod=45982&lang=PT. Publicada em 12/03/2010. Acessada em 10/07/2013.

O GLOBO. *Bahia lidera casos de mortes de homossexuais no país*. Em <http://oglobo.globo.com/pais/bahia-lidera-casos-de-mortes-de-homossexuais-no-pais-2713677#ixzz20XgdOnQE>. Publicado em 19/07/2011. Acessado em 13/07/2012.

ROCHA, João Cesar C.. *René Girard e o desejo mimético: as raízes da violência humana*. Parte 2. IHU On-Line. São Leopoldo: Unisinos. 28/11/2011. Entrevista. Disponível em site: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4238&secao=382&limitstart=1. Acessado em 09/11/2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SIQUEIRA, Indianara. *Lista de Travestis assassinadas*. Grupo Filadélfia/Redtrans Brasil - Email/2012.